



CARTA DO RIO DE JANEIRO

Fórum do Adolescente e Novos Desafios

16º Congresso Brasileiro de Adolescência

A todos que tenham interesse em nos ouvir, pessoas que dentro de poucos anos serão jovens adultos, uma das principais forças de trabalho e, mais que isso, pessoas que podem ajudar a transformar a nossa sociedade, quebrando as barreiras sociais ainda enraizadas.

Nesta manhã, durante as dinâmicas do Fórum do Adolescente e Novos Desafio, do 16º Congresso Brasileiro de Adolescência, debatemos pautas importantes para nós: violência, saúde mental e sexualidade. Sendo assim, gostaríamos de trazer algumas reflexões e até alguns pedidos que foram fruto dessas discussões. Mas, antes de tudo, gostaríamos de dizer que nós, adolescentes brasileiros, não somos adolescentes holandeses, americanos ou de qualquer outra nacionalidade, e, por isso, as políticas têm que ser feitas para nós e não para outros países. Não dá para seguir o modelo de outro país. Não dá para termos tantas comparações. A comparação mata. Isso também é violência. Se olhamos só para outros países, não olhamos para nossa própria população.

A gente sente muita falta de apoio. Muita! Por vezes não temos abertura nem com nossos próprios pais, familiares e pessoas que estão próximas a gente. Assim, nossos diálogos estão sendo tomados pelo Instagram, TikTok, Spotify. Temos dúvidas em relação à sexualidade, ao nosso corpo, ao que entendemos sermos nós mesmos e não temos com quem falar sobre esses temas. Essas pessoas acabam por trazer esses assuntos como se fossem grandes tabus, não nos dando a chance de simplesmente entender as mudanças que estão acontecendo com a gente.

Onde está a psicóloga do colégio para me ajudar com as violências que sofro lá ou com a ansiedade que toma conta de mim em tantos momentos? Onde está o médico para me orientar adequadamente sobre as mudanças do meu corpo e sobre como me prevenir, não só de gravidez, mas das doenças sexualmente transmissíveis? Queremos colocar para fora nossas angústias, nossos medos, nossas preocupações. Mas quem realmente pode nos ajudar? Falta informação, falta acesso, falta saber que não estamos sozinhos.



Sentimos falta de sermos ouvidos atentamente, de compreenderem o que estamos falando. Sentimos falta de nos acolherem. Sentimos falta de quem fale a nossa língua!

Quando dizemos o que estamos sentindo, quando trazemos essas questões, estamos falando da nossa realidade! Estamos falando do que realmente vivemos, todos os dias das nossas vidas. Ouvimos dos nossos pais, dos médicos que vamos, das pessoas mais velhas que cercam a gente, que tudo o que estamos falando é frescura. Queremos dizer que NÃO É FRESCURA! NÃO É FRESCURA! É a nossa realidade, é onde precisamos e contamos com a ajuda de profissionais que estejam dispostos, realmente, a nos ajudar.

Então, para finalizarmos, gostaríamos de expressar nosso principal pedido diante de tudo: confiem em nós! Nós temos sentimentos, opiniões, conhecemos nossos próprios corpos. Não invalidem e descredibilizem nossas questões, por favor! Nós já temos vozes, só precisamos que nos deem ouvidos! Precisamos que criem coisas com a gente e não para a gente! Nós queremos participar dessas construções que também nos envolve.

Enfim, por ora, estamos gratos pela oportunidade de falar e de sermos ouvidos e, como todo bom adolescente, estamos esperançosos e ansiosos por resultados.

Rio de Janeiro (RJ), 23 de agosto de 2023.

Carta elaborada pelos jovens da Escola Sesc de Ensino Médio, do Polo Educacional Sesc, do Rio de Janeiro; do RAP da Saúde (Rede de Adolescentes e Jovens Promotores da Saúde), projeto da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio; e da Casa Amarela, centro de educação, arte e apoio social, localizado no Morro da Providência.

